

Corpos, palavras e sons afro-queer: por uma poética de subversão interseccional

ARTIGO

1

Priscila Nunes Brazilⁱ 

Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB, Brasil

Maria Thaís de Oliveira Batistaⁱⁱ 

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil

Belijane Marques Feitosaⁱⁱⁱ 

Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, PB, Brasil

Resumo

A poética afro-queer emerge como forma de resistência às normas que historicamente marginalizam corpos racializados e dissidentes. Este artigo analisa como artistas negras queer, por meio da música, performance, poesia e palavra falada, subvertem expectativas de gênero, sexualidade e raça, criando espaços de expressão que rompem com a colonialidade e a heteronormatividade. Suas produções revelam como corpo e voz se tornam estratégias políticas para enfrentar silenciamentos e reinscrever identidades plurais. Artistas como Linn da Quebrada e Jota Mombaça exemplificam esse embate ao utilizarem o próprio corpo como dispositivo crítico e transformador. Ao incluir também obras de Mel Duarte e Bia Ferreira, o estudo evidencia a arte afro-queer como ferramenta de libertação e afirmação, ressaltando sua potência na construção de subjetividades múltiplas e na luta contra o racismo estrutural.

Palavras-chave: Linguagens. Afro-queer. Interseccionalidade.

Bodies, words, and afro-queer sounds: towards a poetics of intersectional subversion

Abstract

Afro-Queer poetics emerges as a form of resistance against norms that have historically marginalized racialized and queer bodies. This article examines how Black queer artists, through music, visual performance, poetry and spoken word, subvert dominant structures of gender, sexuality and race. The study maps how these creators challenge colonial and heteronormative expectations, shaping an Afro-Queer space that redefines dissident identities. Their work reveals body and voice as political tools to confront narratives of silence and erasure. Artists such as Linn da Quebrada and Jota Mombaça exemplify this struggle, using their bodies as agents of social and political transformation. By also engaging with the work of Mel Duarte and Bia Ferreira, the article underscores the role of Afro-Queer art as a force of liberation and affirmation, highlighting its relevance in confronting structural racism and coloniality and in shaping plural modes of subjectivity.

Keywords: Languages. Afro-Queer. Intersectionality.

1 Introdução

2

A poética afro-*queer* emerge como uma força de contestação e resistência, desafiando as normativas dominantes que têm historicamente marginalizado corpos e identidades racializadas e *queer*. O conceito de afro-*queer* não apenas converge as lutas pela visibilidade de corpos negros e não heteronormativos, mas também ressignifica essas identidades no campo das expressões artísticas. Ser afro-*queer*, nesse contexto, é subverter a invisibilidade imposta pela colonialidade e pelas estruturas patriarcais e heteronormativas, criando novas formas de ser, sentir e existir através da arte.

O objetivo deste artigo é investigar como artistas negras *queer*, atuantes em diferentes esferas da produção artística, subvertem normativas de gênero, sexualidade e raça através de suas criações. Ao analisar expressões que vão desde a música à *performance* visual, passando pela poesia marginal e pela palavra falada, buscamos mapear os modos pelos quais essas artistas confrontam as expectativas coloniais e heteronormativas, criando um espaço afro-*queer* que ressignifica corpos dissidentes e promove novas subjetividades.

A arte, especialmente em sua vertente afro-*queer*, surge como um campo crucial para a resistência, onde o corpo e a voz se tornam ferramentas de enfrentamento às narrativas que insistem em invisibilizar e silenciar. O nascimento do afro-*queer* no campo das expressões artísticas está profundamente enraizado nas lutas históricas contra o racismo e a homofobia, e é através de obras subversivas que essas artistas rompem com a lógica excludente, estabelecendo um novo território para a resistência decolonial.

Corpos dissidentes, que desafiam as normativas binárias de gênero e as estruturas racistas que atravessam a sociedade, encontram na arte afro-*queer* uma voz potente de resistência. A expressão artística afro-*queer* não apenas cria um espaço para o corpo racializado e *queer* existir, mas também o coloca no centro de uma narrativa que exige ser ouvida. Esses corpos não são passivos; ao contrário, são agentes de

transformação que subvertem o discurso colonial e patriarcal ao reconfigurarem o que é considerado “normal” e “aceitável” dentro da sociedade.

Esse grito de dissidência é uma forma de arte política, em que a subversão acontece no próprio ato de existir e se expressar através do corpo. *Performers* como Linn da Quebrada e Jota Mombaça, por exemplo, utilizam seus corpos racializados e *queer* como ferramentas de resistência, desafiando as expectativas impostas por uma sociedade que insiste em silenciar as margens. Suas *performances* transbordam de significados políticos, e a presença de seus corpos em cena é um ato subversivo em si, rompendo com as normatividades que regulam o corpo, a sexualidade e a identidade de pessoas negras e *queer*.

No campo da *performance afro-queer*, o corpo se torna território de disputa, onde as questões de gênero e raça se entrelaçam e se amplificam. O *afro-queer*, enquanto movimento artístico e político, permite que as vozes e os corpos dissidentes se tornem protagonistas de suas próprias narrativas, desafiando as fronteiras impostas pelo colonialismo e pelas normatividades ocidentais. Nesse sentido, a arte *afro-queer* se apresenta como uma poderosa ferramenta de expressão e resistência, sendo um campo de criação e desconstrução de identidades e subjetividades plurais.

A arte, nesse contexto, torna-se urgente. Ela é mais do que expressão estética; é uma forma de resistência que vai além dos discursos acadêmicos ou ativistas tradicionais, ocupando espaços antes negligenciados como legítimos campos de luta.

A relevância de investigar as expressões *afro-queer* artísticas, portanto, reside na necessidade de compreender como essas produções subvertem não apenas normas de gênero e sexualidade, mas também desconstróem o racismo estrutural e a colonialidade que atravessam corpos negros.

O espaço de resistência *afro-queer* não se limita a um discurso abstrato. Ele é vivido e experimentado nas *performances*, nas canções e nas poesias de artistas que fazem de seus corpos e de suas vozes ferramentas de mudança social. Ao analisar figuras como Linn da Quebrada, Bia Ferreira, Mel Duarte e Jota Mombaça, este artigo busca

evidenciar como essas expressões não apenas resistem, mas também criam novos mundos possíveis, onde corpos afro-*queer* são valorizados em sua pluralidade e potência.

A arte afro-*queer* não só desconstrói narrativas opressivas, mas também constrói novas formas de ver, ouvir e sentir o mundo, abrindo espaço para subjetividades que insistem em existir, apesar das tentativas de apagamento.

A poética de subversão afro-*queer*, assim, não é apenas uma estética. Ela é uma política que confronta diretamente a colonialidade e a heteronormatividade, criando um território fértil para a reflexão e o enfrentamento. Desta forma, este artigo se propõe a não só mapear essas expressões, mas também a destacar a importância da arte como uma ferramenta de libertação, capaz de transformar as margens em centro, e os corpos racializados e *queer* em protagonistas de suas próprias narrativas de resistência e subversão.

Nesse percurso, este artigo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa de abordagem teórico-analítica, ancorada nos campos dos estudos culturais, dos estudos *queer*, dos feminismos negros e dos estudos decoloniais. A construção da análise partiu de um mapeamento de produções artísticas de artistas negras e *queer*, como Linn da Quebrada, Jota Mombaça, Mel Duarte e Bia Ferreira, selecionadas por sua relevância na cena artística e política afro-*queer* no Brasil.

As fontes que subsidiam este estudo são composições musicais, *performances*, textos poéticos, entrevistas, documentários e registros audiovisuais dessas artistas, compreendendo a arte como dispositivo de produção de saberes e de resistência. A análise foi conduzida à luz de referenciais teóricos como Crenshaw (1989), Collins (2000), hooks (2018, 2019), Butler (2003) e González (2020), articulando as reflexões conceituais com a leitura crítica das produções artísticas.

Assim, a metodologia adotada se fundamenta na análise de narrativas poéticas, musicais e performáticas, considerando-as enquanto práticas de subversão, resistência e produção de subjetividades afro-*queer*. Este percurso metodológico está comprometido

com uma perspectiva decolonial, que valoriza saberes situados, insurgentes e produzidos a partir das margens.

2 Nas entrelinhas da interseccionalidade afro-queer

5

A noção de afro-*queer*, que congrega identidades negras e *queer*, emerge como uma teia complexa que interage com as dinâmicas de raça, gênero e sexualidade. Esse conceito não é apenas uma simples intersecção; ele revela as tramas intrincadas que moldam as vivências de corpos racializados e não heteronormativos em contextos sociais e artísticos. Para compreender a profundidade dessa teia, é essencial considerar o conceito de interseccionalidade, formulado por Crenshaw (1989), que traz à tona a ideia de que as experiências de opressão não podem ser compreendidas de maneira isolada, mas sim em suas interrelações.

2.1 Tecendo a Negritude *Queer*: o olhar de Crenshaw e Hill Collins

A interseccionalidade, conforme proposta por Crenshaw (1989), é uma lente crítica que permite analisar como diferentes formas de discriminação se sobrepõem e interagem. Crenshaw enfatiza que as experiências de mulheres negras são frequentemente invisibilizadas em debates que focam exclusivamente na raça ou no gênero.

Collins (2000) complementa essa visão ao discutir como a opressão racial, de gênero e sexualidade é interdependente, formando uma matriz de dominação que precisa ser desafiada. A partir dessas teorias, a negritude *queer* é tecida não apenas como uma identidade, mas como uma forma de resistência que ressignifica os corpos negros em contextos artísticos e culturais. Essas vozes e experiências não se limitam ao discurso acadêmico; elas se manifestam também nas artes.

A música, a dança e a *performance* tornam-se espaços de afirmação da identidade afro-*queer*, em que o corpo negro e *queer* é valorizado, questionando normas e estereótipos que tentam reduzir essas identidades a categorias limitadas. Em

performances e obras artísticas, artistas como Linn da Quebrada e Mel Duarte utilizam suas vozes e corpos para expressar a riqueza da experiência afro-*queer*, promovendo uma leitura crítica das estruturas sociais que cercam gênero e raça. Assim, a teia afro-*queer* se torna um espaço vibrante de resistência e luta, em que as intersecções entre raça, gênero e sexualidade são exploradas e celebradas.

2.2 Entre mundos: gênero, raça e arte

No contexto das expressões artísticas, a interseccionalidade revela-se como uma ferramenta essencial para compreender a complexidade das narrativas afro-*queer*. A arte é um espaço onde a construção de identidades e a afirmação de vozes marginalizadas se entrelaçam. O diálogo entre raça, gênero e sexualidade permite que artistas afro-*queer* criem novas narrativas que desafiam as normatividades impostas por estruturas sociais opressivas. Através da arte, essas vozes emergem, trazendo à tona questões profundas sobre pertencimento, resistência e visibilidade.

Artistas, como Jota Mombaça, utilizam sua arte visual para explorar as intersecções entre raça e gênero, desafiando normas de representação e criando um espaço no qual as vozes afro-*queer* podem ser ouvidas. Suas obras não apenas refletem suas experiências pessoais, mas também articulam uma crítica ao sistema colonial e às expectativas heteronormativas que historicamente marginalizaram corpos não brancos e não heteronormativos.

Assim, a arte afro-*queer* se revela como um campo fértil para a construção de novas narrativas e formas de resistência, oferecendo uma visão multifacetada das experiências vividas por esses indivíduos.

As *performances* afro-*queer* emergem como uma prática artística que não apenas questiona normas culturais, mas também redefine o que significa existir em um corpo que é simultaneamente racializado e *queer*. Essa prática está enraizada na ideia de que o ato

de performar não é apenas uma representação, mas uma forma de ativismo que desafia as limitações impostas por uma sociedade que insiste em categorizar e controlar.

Butler (2003), em sua obra sobre performatividade, argumenta que gênero e sexualidade são construções sociais que podem ser desafiadas e subvertidas por meio da ação e da *performance*. Para Butler, a repetição de atos performativos pode levar à desconstrução das normas sociais que definem o que é considerado “normal” ou “aceitável”. Essa ideia é particularmente relevante no contexto da arte afro-*queer*, no qual artistas utilizam suas *performances* como uma forma de resistência que reconfigura a percepção do corpo *queer*.

As *performances* afro-*queer*, então, não apenas expressam identidades, mas também se tornam atos de resistência. Ao ocupar espaços públicos com suas *performances*, artistas como Linn da Quebrada desafiam a invisibilidade e o silenciamento, promovendo um ativismo que reivindica a existência e a dignidade de corpos *queer* e negros. Essa visibilidade não é apenas política, mas também profundamente pessoal, permitindo que essas artistas compartilhem suas histórias e experiências de maneira autêntica e impactante.

bell hooks (2018) traz uma reflexão crítica sobre a utilização da estética e da *performance* como formas de resistência e empoderamento. Em sua obra, ela argumenta que as artes visuais e performáticas têm o potencial de atuar como meios para a transformação social, proporcionando uma plataforma para que vozes marginalizadas possam ser ouvidas e novas narrativas possam ser construídas. A noção de “estéticas da margem”, proposta por hooks, sugere que essas expressões artísticas, longe de serem relegadas à periferia, podem assumir um papel central no discurso cultural, contribuindo significativamente para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

As *performances* afro-*queer*, alinhadas à perspectiva de hooks, não apenas reivindicam espaço, mas também criam uma nova estética que celebra a diversidade e a pluralidade das identidades. Por meio da arte, artistas afro-*queer* desafiam as representações estereotipadas e oferecem novas formas de ver e compreender as experiências de vida tanto de pessoas negras quanto *queer*. Nesse contexto, a

performance emerge como um espaço de afirmação e resistência, em que a arte se entrelaça de maneira indissociável com a luta política e social. Assim, as expressões artísticas afro-*queer* não apenas contestam normas culturais dominantes, mas também reimaginam e reinventam narrativas, promovendo um diálogo crítico em torno da intersecção entre raça, gênero e sexualidade.

3 Palavras em movimento: a poética afro-*queer* no som e no corpo

A arte afro-*queer* se revela como um campo vibrante e multifacetado, no qual músicos, poetas e artistas visuais utilizam suas vozes e corpos como instrumentos de resistência e empoderamento. Através da música, da poesia e das artes visuais, esses artistas desafiam normas sociais, questionam estereótipos e articulam a complexidade das experiências afro-*queer*. Nesta seção, exploraremos as expressões artísticas de Linn da Quebrada, Bia Ferreira, Mel Duarte e Jota Mombaça, analisando como suas obras refletem e amplificam a luta contra a marginalização.

3.1 Ritmos como resposta, sons que rompem normas: Linn da Quebrada

Linn da Quebrada é uma artista multifacetada que se destaca na intersecção entre música, *performance* e ativismo. Suas letras audaciosas abordam temas como identidade de gênero, sexualidade e negritude, questionando normas sociais estabelecidas. No documentário *Bixa Travesty* (2018), a narrativa de Linn é apresentada não apenas como uma história pessoal, mas como uma representação das vivências de muitas pessoas que se encontram à margem da sociedade. O corpo de Linn, exposto e celebrado, torna-se um símbolo de resistência, um grito contra as violências que permeiam a vida das pessoas negras e *queer*.

O documentário, ao capturar suas *performances* explosivas e provocativas, revela como a arte pode servir como um espaço de empoderamento. A música de Linn, marcada por ritmos vibrantes e letras contundentes, desafia a heteronormatividade e proporciona

um espaço seguro para a afirmação da identidade afro-*queer*. Cada apresentação de Linn é um ato de subversão, em que a *performance* se transforma em uma celebração da diversidade e uma negação das normas opressivas que tentam silenciar essas vozes.

Bixa Travesty se destaca como uma peça fundamental na discussão da marginalização e resistência afro-*queer*, apresentando um retrato autêntico da vida de Linn da Quebrada. O documentário, ao explorar as complexidades da identidade e da performatividade, revela as camadas de opressão que afetam as pessoas negras *queer*. Através de suas *performances*, Linn provoca um diálogo sobre a intersecção entre raça, gênero e sexualidade, demonstrando como esses fatores se entrelaçam nas vivências cotidianas.

Além de ser um meio de expressão pessoal, *Bixa Travesty* também serve como uma plataforma para discutir questões sociais urgentes. Através da arte, Linn não apenas se reivindica, mas também convida o público a refletir sobre suas próprias concepções de identidade e pertencimento. O documentário transforma a dor da marginalização em uma narrativa de empoderamento, destacando a importância da arte como ferramenta de resistência e transformação.

3.2 O canto negro que denuncia e trans(forma): Bia Ferreira

Bia Ferreira, por sua vez, traz uma nova dimensão à música afro-*queer* ao articular temas de racismo, LGBTQIA+fobia e injustiças sociais em suas composições. Em sua autointitulada “música de mulher preta”, Bia utiliza sua plataforma para denunciar desigualdades e promover a conscientização. Sua música não é apenas uma forma de expressão artística, mas também um ato político que busca dismantlar as estruturas de opressão.

Através de letras contundentes e poéticas, Bia Ferreira transforma a dor em luta e resistência. Suas canções abordam a interseccionalidade de maneira a ressoar profundamente com suas ouvintes, oferecendo uma voz para aquelas que muitas vezes

são silenciadas. Ao fazer isso, Bia cria um espaço onde a música se torna um veículo de transformação social, evidenciando as vivências da população negra e *queer*.

3.3 Versos à margem e a palavra como resistência: Mel Duarte

10

Mel Duarte, poetisa e *slammer*, é uma das principais vozes da poesia marginal brasileira, trazendo à tona as vivências de mulheres negras e *queer*. Sua obra é uma afirmação poderosa da identidade afro-*queer*, utilizando a linguagem poética como um meio de resistência. Mel cria novos espaços de expressão que desafiam normas sociais e culturais, transformando a dor em arte.

A poesia de Mel Duarte é repleta de imagens evocativas e emoções intensas. Ela utiliza sua voz não apenas para contar sua própria história, mas também para amplificar as vozes de outras mulheres que enfrentam discriminação e violência. Através de seus versos, Mel articula a interseccionalidade de raça, gênero e sexualidade, revelando as complexidades das experiências afro-*queer* e a importância de se fazer ouvir.

Na obra de Mel Duarte, a linguagem se torna um ato de rebeldia, desafiando as estruturas opressivas que tentam silenciar as vozes marginalizadas. Suas poesias abordam temas de amor, dor, resistência e empoderamento, construindo uma narrativa que reflete a luta cotidiana das pessoas negras *queer*. Cada poema é uma convocação à ação, um chamado para que suas ouvintes se levanten e reivindiquem seus espaços.

Através de sua arte, Mel Duarte não apenas expressa sua identidade, mas também cria um espaço de pertencimento e solidariedade entre mulheres negras. Sua poesia é um testemunho da força e resiliência da comunidade afro-*queer*, demonstrando que a arte pode ser uma ferramenta poderosa para a transformação social.

3.4 Corpos em *performance*: Jota Mombaça

Jota Mombaça é uma artista visual e escritora que explora questões de raça, gênero, violência e decolonialidade em suas *performances*. Mombaça utiliza seus corpos

racializados e *queer* como ferramentas de resistência e subversão, desafiando as normas coloniais e heteronormativas que moldam as experiências de vida das pessoas afro-*queer*. Suas *performances* provocam um questionamento profundo sobre o que significa existir na interseção dessas identidades, revelando as feridas visíveis e invisíveis que marcam essa vivência.

A obra de Jota Mombaça convida o público a refletir sobre a complexidade da identidade afro-*queer*, utilizando a arte como um espaço de reflexão e diálogo. Suas *performances* são intensas e impactantes, capturando a atenção e desafiando o espectador a confrontar suas próprias concepções de raça e gênero. Assim, a arte se torna um campo de batalha em que a resistência se manifesta de diversas formas, criando novas possibilidades de ser e existir.

4 De(s)colonizando normas, corpos e identidades

As expressões artísticas afro-*queer* emergem como poderosas ferramentas de resistência e transformação social, desafiando normas heteronormativas e coloniais que historicamente marginalizaram identidades não conformistas. Artistas como Linn da Quebrada, Bia Ferreira, Mel Duarte e Jota Mombaça não apenas questionam as expectativas impostas pela sociedade, mas também reivindicam o direito de existir plenamente em suas identidades multifacetadas. Nesse sentido, a arte se configura como uma forma de rebeldia, em que cada apresentação não é apenas uma *performance*, mas um manifesto vibrante que afirma a diversidade e a riqueza das experiências afro-*queer*.

A subversão manifesta-se de várias maneiras nas obras dessas artistas, desde a desconstrução de estereótipos raciais até a afirmação de sexualidades diversas, desafiando um sistema que frequentemente busca silenciar suas vozes. O corpo, nesse contexto, torna-se um instrumento de resistência que contesta as correntes opressivas.

Por exemplo, Linn da Quebrada utiliza sua estética e *performances* para chocar e provocar reflexões sobre gênero e sexualidade, quebrando barreiras e estigmas. Através

de sua música e imagem, ela celebra a diversidade da experiência humana, promovendo um espaço onde a pluralidade é valorizada.

Além disso, Bia Ferreira, em suas letras, não apenas discute questões de racismo e LGBTQIA+fobia, mas também abre um diálogo sobre interseccionalidade, mostrando como diferentes formas de opressão se entrelaçam (Crenshaw, 1989). Ao fazer isso, ela não só ressignifica a música popular, mas também convida os ouvintes a refletirem sobre suas próprias experiências e preconceitos, provocando um efeito transformador na audiência.

O corpo *afro-queer* se apresenta como um território de resistência e empoderamento, no qual a sexualidade não é apenas uma característica, mas um meio de expressão que desafia o status quo. Artistas como Mel Duarte utilizam a poesia e o slam para comunicar mensagens que vão além da representação superficial, desafiando não apenas as normas sociais, mas também as narrativas históricas que buscam silenciar as vozes das mulheres negras e *queer*.

A linguagem do corpo nas artes *afro-queer* se desdobra em diversas formas — da dança à *performance*, passando pela poesia e música. Cada ato performático se transforma em uma declaração de que o corpo não é apenas um objeto de desejo, mas um espaço sagrado onde se desvela a complexidade da identidade. Ao transformar a sexualidade em arte, essas artistas não apenas celebram sua identidade, mas também oferecem novos paradigmas de empoderamento e autoafirmação.

Nesse sentido, Jota Mombaça, através de suas *performances* visuais e escritas, desafia as convenções de gênero e raça, utilizando seu corpo como um meio para expressar a resistência e a dor de comunidades marginalizadas. Suas obras provocam discussões profundas sobre a violência e a opressão enfrentadas por corpos racializados e *queer*, transformando suas experiências pessoais em uma narrativa coletiva que ressoa com muitas outras vozes.

As expressões artísticas *afro-queer* estão intrinsecamente ligadas ao conceito de “estéticas da margem”, conforme articulado por bell hooks, no qual as periferias não são

meramente locais de marginalização, mas sim centros vibrantes de produção de saberes e resistências (hooks, 2019).

As vozes que emergem dessas margens desafiam as narrativas dominantes, oferecendo novas perspectivas que enriquecem o entendimento da diversidade humana e questionam a estrutura hierárquica da cultura. Nesse cenário, as artistas afro-*queer* não apenas contestam a hegemonia cultural, mas também geram um conhecimento que brota de suas experiências únicas.

Cada *performance* e cada obra revelam a interseção de opressões e a celebração das conquistas, funcionando como um espaço de resistência que não apenas ilumina as injustiças, mas também honra a resiliência das comunidades.

A arte afro-*queer*, portanto, se torna um meio vital de resistência que transcende a mera representação; é um espaço de diálogo e reflexão que desafia a hierarquia de saberes. Ao dar voz a narrativas que muitas vezes são silenciadas, essas artistas não apenas ampliam a compreensão das identidades afro-*queer*, mas também criam novas possibilidades de pertencimento e autoafirmação em um mundo que frequentemente busca marginalizar suas existências.

O diálogo interseccional, conforme abordado por González (2020), ressalta como raça, classe, gênero e sexualidade se entrelaçam nas experiências das artistas afro-*queer*, permitindo que suas vozes ressoem de maneira autêntica e significativa. A discussão em torno das expressões artísticas afro-*queer* revela a importância da subversão de normas dominantes, do corpo como território de resistência e das estéticas da margem como formas de criação de saberes subversivos.

Artistas como Linn da Quebrada, Bia Ferreira, Mel Duarte e Jota Mombaça nos convidam a repensar nossas concepções de identidade e pertencimento, ampliando os horizontes do que significa ser afro-*queer*. A arte não é apenas uma forma de expressão, mas uma poderosa ferramenta de transformação social que desafia a marginalização e celebra a diversidade em todas as suas formas.

5 Cantos de resistência afro-*queer*

As expressões artísticas afro-*queer* desempenham um papel fundamental na redefinição e na reconfiguração das narrativas sobre identidade, raça e sexualidade, promovendo uma rica poética que emerge das margens. Este artigo destacou como artistas como Linn da Quebrada, Mel Duarte, Bia Ferreira e Jota Mombaça não apenas desafiam normas sociais estabelecidas, mas também criam novos espaços para a valorização de identidades plurais e marginalizadas. Através de suas *performances*, obras e manifestações artísticas, elas oferecem um canto de resistência que ecoa profundamente nas comunidades afro-*queer*, ressaltando a importância da inclusão e da diversidade nas artes.

Essas expressões artísticas têm um impacto significativo na construção de novas subjetividades, permitindo que indivíduos se reconheçam e se afirmem em sua complexidade. Ao celebrar a diversidade da experiência humana, a arte afro-*queer* desafia as narrativas hegemônicas e propõe novas formas de resistência que não apenas se opõem à opressão, mas também criam espaços de empoderamento e visibilidade.

Através da arte, novas vozes emergem, promovendo diálogos que enriquecem as discussões sobre gênero, raça e sexualidade, desafiando as limitações impostas pela sociedade e ampliando a compreensão do que significa ser afro-*queer*.

Além do impacto nas artes, a poética afro-*queer* possui o potencial de influenciar outros campos, como a educação e as políticas culturais.

Ao integrar a arte afro-*queer* nas práticas pedagógicas, por exemplo, é possível promover uma educação mais inclusiva e crítica que valorize a diversidade de experiências. O reconhecimento das expressões afro-*queer* nas políticas culturais pode

não apenas garantir espaço e visibilidade para essas vozes, mas também fomentar um ambiente em que a diversidade é celebrada e respeitada.

Dessa forma, a arte afro-*queer* se torna um poderoso agente de transformação, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, na qual todas as identidades são reconhecidas e valorizadas.

Para pesquisas futuras, sugere-se a exploração mais aprofundada das intersecções entre a arte afro-*queer* e outras disciplinas, como a psicologia e a sociologia, para entender melhor como essas expressões artísticas podem impactar o bem-estar emocional e social das comunidades.

Além disso, investigações sobre a recepção e o impacto dessas obras em diferentes contextos culturais e geográficos podem fornecer uma visão mais abrangente sobre a influência da arte afro-*queer*. Estudos que examinem a relação entre as novas tecnologias e as práticas artísticas afro-*queer*, especialmente no que diz respeito à disseminação e à acessibilidade, também são áreas promissoras que merecem atenção.

Assim, o canto de resistência afro-*queer* reverbera não apenas nas comunidades diretamente afetadas, mas também ressoa em toda a sociedade, desafiando-nos a repensar nossas percepções sobre identidade, arte e resistência. O impacto dessas expressões artísticas é um convite à reflexão e à ação, instigando um movimento contínuo em direção à inclusão e à valorização da diversidade em todas as suas formas.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Editora Vozes, 2003.

COLLINS, Patricia. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e política de empoderamento**. São Paulo: Editora Bazar do Tempo, 2000.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **The University of Chicago Legal Forum**, n. 140, p. 139-167, 1989.

DUARTE, Mel. **Querem nos calar:** poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Editora Planeta, 2019.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e o feminismo. Tradução: Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. Tradução: Ana Luiza Libâneo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LINN DA QUEBRADA. **Bixa Travesty.** Documentário, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UUIkaEHFHRw> . Acesso em: 16 set. 2024.

MOMBAÇA, Jota. **Corpo-colônia.** Ação performática realizada na ocasião do seminário “Que pode um Korpo?”, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil, 2013.

MOMBAÇA, Jota. **Dor, Dívida, Dilema:** O que significa descolonizar. Conferência na Praia do Homem do Leme, Porto, Portugal, 2018.

ⁱ **Priscila Nunes Brazil**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7435-5814>

Universidade Federal de Campina Grande

Doutoranda em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande, na área de Estudos Linguísticos (PPGLE/UFCG). Licenciada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Integra o Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação, Linguagem e Práticas Sociais (UFCG/CNPq) e o Grupo de Pesquisa Linguagem, Interação e Cultura (GELInC/UFCG).

Contribuição de autoria: autoria e concepção das ideias do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9288318310413144>

E-mail: prinunesbra31@gmail.com

ⁱⁱ **Maria Thaís de Oliveira Batista**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5337-8507>

Universidade Estadual da Paraíba

Doutoranda em Educação (PPGE/UFPE). Pedagoga (UFCG). Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas Religiosidades, Educação, Memórias e Sexualidades (CNPq/UFPE); o Grupo Núcleo de Estudos em Educação NEED (CNPq/UERN) e o Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação, Linguagem e Práticas Sociais (GIEPELPS) (CNPq/UFCG).

Contribuição de autoria: autoria e concepção das ideias do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6670856676696185>

E-mail: professoramariathaisdeoliveira@gmail.com

iii **Belijane Marques Feitosa**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9512-9397>

Universidade Federal de Campina Grande

Doutora em Educação, pela Universidade Federal de Sergipe (PPGE/UFS). Professora da Universidade Federal de Campina Grande (CFP/UFCG). Integra o Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Educação, Linguagem e Práticas Sociais (GIEPELPS) (CNPq/UFCG) e o Grupo de estudos e pesquisas *queer* e outras epistemologias feministas (CONQUEER) (CNPq/UFS).

Contribuição de autoria: autoria e concepção das ideias do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2757336098779500>

E-mail: belimare.pb@gmail.com

Editora responsável: Genifer Andrade

Especialista *ad hoc*: Pedro Paulo Souza Rios e Manuelle Araújo da Silva.

Como citar este artigo (ABNT):

BRAZIL, Priscila Nunes; BATISTA, Maria Thaís de Oliveira; FEITOSA, Belijane Marques. *Corpos, palavras e sons afro-queer: por uma poética de subversão interseccional*. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 8, e15240, 2026. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/15240>

Recebido em 18 de março de 2025.

Aceito em 08 de julho de 2025.

Publicado em 01 de janeiro de 2026.